

EDUCAÇÃO

O PROGRESSO DA NAÇÃO

JÚSEFA GOMES NETO (ORG.)



Libellus
Editorial

**EDUCAÇÃO:
O PROGRESSO DA NAÇÃO**

JOSEFA GOMES NETA (ORG.)

**EDUCAÇÃO:
O PROGRESSO DA NAÇÃO**

Libellus
Editorial

João Pessoa
2020

Conselho Editorial:

Dilaine Soares Sampaio (UFPB)
 Elisa Gonsalves Possebon (UFPB)
 Fabricio Possebon (UFPB)
 Fátima Sousa Lima (UFOPA)
 Fernando Pita (UERJ)
 Francisco Pegado Abílio (UFPB)
 Luiz Gonzaga Gonçalves (UFPB)
 Monica Simas (USP)
 Sérgio Pereira da Silva (UFG)
 Telmo Adams (UNISINOS)
 Ricardo Lucena (UFPB)

Capa: Foto por

Aaron Burden do Unsplash

Diagramação: Ricardo Sterchele

www.frontis.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Catálogo na fonte – Libellus Editorial

Ed24
Educação e progresso da nação / Josefa Gomes Neta (org.) – João Pessoa: Libellus Editorial, 2020. 204 p.; 16cm x 23cm.
Bibliografia ISBN 978-65-86720-04-4
1. Educação 2. Teoria educacional I. Gomes Neta, Josefa. org. II. Título. III. Série
CDU 37 CDD 370.1

Ficha elaborada pela bibliotecária: Luzenira A. dos Santos CRB9/1506
 Índice para catálogo sistemático
 1. Educação 370

Todos direitos reservados. Proibida a tradução, versão ou reprodução, mesmo que parcial, por quaisquer processos mecânicos, eletrônico, reprodutivo etc., sem a autorização por escrito.

**SUMÁRIO**

APRESENTAÇÃO.	9
RECREAÇÃO COM JOGOS MATEMÁTICOS: O QUE PENSAM OS PROFESSORES	12
<i>Elizângela Simone Cabral de Medeiros Linhares</i>	
<i>Faciene da Silva Nóbrega</i>	
<i>Adriana Machado Ribeiro</i>	
<i>Fábio Júnior de Sousa Vieira</i>	
<i>Flávio Augusto Rocha Franco</i>	
<i>Andréia Laureano</i>	
EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSÃO.	22
<i>Francisca Jovenilda Portela Gadelba</i>	
<i>Samile Fernandes Martins</i>	
<i>Ghardennia Carvalho Brandão</i>	
<i>Soyza Maria Lucena de Medeiros</i>	
<i>Andréa Alves de Araújo</i>	
O TRABALHO DO COORDENADOR PEDAGÓGICO NA ESCOLA EM TEMPOS ATUAIS.	31
<i>Francisca das Chagas da Conceição Costa</i>	
<i>Víctor Silva Rodrigues</i>	
<i>Thânia de Carvalho Verçosa</i>	
<i>Maria Valdelândia de Andrade</i>	
<i>Antônia Maria Pinto Hilário</i>	
O PROFESSOR E O USO DE JOGOS EM AULAS DE MATEMÁTICA	42
<i>Jan Laurent Stefania Van den Bosch</i>	
<i>Antônio Francisco Alves Feitosa</i>	
<i>Luiz Holanda Lavor Neto</i>	
<i>Flávio Fernandes Filgueiras</i>	
<i>Valdiane Martins da Silva Gouveia</i>	
A UTOPIA NECESSÁRIA AOS PROFESSORES.	51
<i>Silmere da Nóbrega Camboim Guedes</i>	
<i>Maria Jovina Gomes Barbosa</i>	
<i>Josinete Ribeiro de Araújo Silva</i>	
<i>Maria Natelma da Silva Batista</i>	
<i>Monaliza Matias da Silva</i>	

A EDUCAÇÃO DO CAMPO E SEU PÚBLICO ALVO: JOVENS E ADULTOS NÃO ALFABETIZADOS	60
<i>Francisca Meire Duarte Maciel dos Santos</i>	
<i>Antonio de Pádua Soeiro</i>	
<i>Ricardo Nunes Freire</i>	
<i>Antonia Aniella Fortunato de Moraes Mafaldo</i>	
<i>Deusimar Nasimento Pereira Vieira</i>	
O COORDENADOR PEDAGÓGICO COMO AGENTE PARTICIPATIVO NA AÇÃO DIDÁTICA	70
<i>Milania Maria Henrique de Aquino</i>	
<i>Eleneide Elias de Oliveira</i>	
<i>Francinete Silva de Castro Souza</i>	
<i>Maria do Socorro Costa Veríssimo</i>	
<i>Djamira Duarte Maciel</i>	
A MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA CONSCIENTE E A RELAÇÃO DISCIPLINAR DO ALUNO/ESCOLA	80
<i>Maria das Dores Alves do Nascimento Almeida</i>	
<i>Carlos Deodoro Inácio de Oliveira Negreiros</i>	
<i>Maria Regilene Gonzaga de Souza</i>	
<i>Francisco Suetônio de Oliveira</i>	
<i>Michelle Teixeira Mota de Farias</i>	
INVESTIGANDO A INDISCIPLINA NO CENÁRIO, FAMILIAR E ESCOLAR	91
<i>Ronnistaine Pereira de Melo</i>	
<i>Mildacyr Alves Pereira Silva</i>	
<i>Serjane de Araújo</i>	
<i>Osnara Ribeiro da Silva</i>	
<i>Larissa Maraiça de Almeida</i>	
EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA DE UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA.	97
<i>Luana Almeida de Lima Régio</i>	
<i>Patrícia Vieira Ribeiro</i>	
<i>Danilson Soares do Nascimento</i>	
<i>Maria Rejane Teixeira de Melo</i>	
<i>Elaine Maria Cunha Teixeira</i>	
INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA NA PERSPECTIVA DO TRABALHO DE APRENDIZAGEM NAS INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS EM PARCERIA COM A FAMÍLIA	105
<i>Carlos Ryan Silva de Aranjó</i>	
<i>Raimunda Francinalva Batista</i>	

Liliana Aládia Ponte
Ana Mara Aguiar Neris Frota
Gláucia Almeida Ferreira Gomes

A IMPORTÂNCIA DAS BRINCADEIRAS NA PRÁTICA DE LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	112
---	-----

Paula Hellen Carvalho de Oliveira
Maria do Socorro de Carvalho Cavalcante
Cláudia Maria Bernardo Dantas
Jane Eyre Viana de Souza
Antônia Elma da Silva Bezerra

O PAPEL DO GESTOR ESCOLAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL	121
--	-----

Sayonara de Albuquerque Pinheiro
Verônica Maria de Albuquerque Viana
Micaele dos Santos Cardoso
Francisca Lucimária de Araújo
Carolina Oliveira Muniz

PRECONCEITO RACIAL E SUAS REPERCUSSÕES NAS ESCOLAS DO BRASIL	131
---	-----

Francisco Robenildo de Lima
Vandilson Ramalho de Oliveira
Maria Ireide de Menezes Bezerra
Maria Luzineide de Almeida
Silvia Helena Viana de Almeida

OS PROJETOS PEDAGÓGICOS E A IDENTIDADE ESTUDANTIL	138
---	-----

Andrea Herculano de Paula Oliveira
Ana Scheila Linhares Nunes
Ozinete Oliveira Silva
Raildo Francisco de Moura
João Rocha Júnior

ÉTICA E EQUIDADE: UMA POSSIBILIDADE INTERSETORIAL	144
---	-----

Catarina Inês de Almeida
Francisco David Ribeiro de Sousa
Anatélia Silva Bezerra
João Moreira Júnior
Maria Hitaina de Miranda Siqueira Oliveira

ESCUTA, FALA, PENSAMENTO, IMAGINAÇÃO E AFETIVIDADE: AS MÚLTIPLAS LINGUAGENS DA CRIANÇA.	154
--	-----

Silvia Elaine da Rocha Silva Pontes
Camila Bezerra Costa da Silva
Maria Aparecida Pacobalyba Raposo

Francisca Marlônia Barbosa Bittencourt
Juliana Alves dos Santos

O PAPEL DO NEUROPSICOPEDAGOGO FRENTE
AO FRACASSO ESCOLAR164

Adrianizja da Silva Sombra

Adelly Cristina Carvalho

Lucilene da Rocha Andrade

Everton Oliveira Barbosa

Elisabete Ferreira Matias da Rocha

SOBRE OS AUTORES173

APRESENTAÇÃO

A obra EDUCAÇÃO o progresso da nação mostra o processo de aprendizagem e expansão da cultura que através do ensino, possa contribuir para a melhoria da condição humana, equidade social e produtividade, é um componente central do progresso social. Espera-se que essa obra através dos relatos de autores e coautores, promova ao leitor, a visão da importância da participação ativa, através da leitura, ressurgirá uma sociedade esclarecida e democrática que proporcione aos indivíduos, habilidades intelectuais e práticas aplicada cotidianamente aos indivíduos, tornando-os produtivos e melhorando suas condições de vida e desenvolvendo na sociedade a promoção da equidade social e da justiça.

O primeiro capítulo fala da recreação com jogos matemáticos: o que pensam os professores, esse estudo busca apresentar a importância e os benefícios para o processo de ensino-aprendizagem da Matemática por meio da recreação com jogos didáticos, realçando a importância da aplicação de metodologias adequadas com vistas à superação das dificuldades de aprendizagem e de raciocínio lógico dos educandos.

O segundo capítulo fala da Educação Especial e Inclusão no âmbito escolar, é um tema bastante atual que demanda a organização de várias propostas de trabalho, pela sua especificidade inerente a pessoa humana e pelas diversas barreiras existentes no contexto escolar.

O terceiro capítulo relata o trabalho do Coordenador Pedagógico na escola em tempos atuais, o tema escolhido para o desenvolvimento desse capítulo tem como objetivos, observar, analisar e refletir sobre a identidade profissional; bem como, analisar o processo de formação continuada na ressignificação do professor pesquisador e o processo de formação inicial de pedagogo nas instituições de ensino.

O quarto capítulo fala do professor e o uso de jogos em aulas de matemática, deste modo, o estudo apresenta uma análise panorâmica acerca das contribuições dos jogos didáticos de Matemática para o desenvolvimento da aprendizagem sob o foco de uma metodologia embasada e coerente aos estudos já desenvolvidos previamente.

O quinto capítulo ressalta a utopia necessária aos professores onde ao revisitarmos o conceito de utopia, notamos inicialmente, a irônica, variação dos ideais utópicos de acordo com necessidades, fatos e especificidades contextuais e históricas.

O sexto capítulo aborda a educação do campo e seu público alvo: jovens e adultos não alfabetizados, permeada por diversos desafios, mas sobre tudo, no sentido amplo do processo de formação humana, que constrói referências culturais e políticas para a intervenção das pessoas e dos sujeitos sociais na realidade ao qual está intimamente inserida.

O sétimo capítulo fala do Coordenador Pedagógico como agente participativo na ação didática, com intuito de mostrar características básicas com a função do Coordenador Pedagógico na escola, no dia da sua fixação e poder trabalhar essa mudança na visão dos professores, pois são eles que vão trabalhar com as pessoas ativas a disposição.

O oitavo capítulo fala da mediação pedagógica consciente e a relação disciplinar do aluno/escola, ao refletirmos sobre a escola como instrumentos de cultura nos reportaram para o aspecto da construção da cultura escolar.

O nono capítulo veio abordando e investigando a indisciplina no cenário, familiar e escolar demonstrando que para se compreender o problema da indisciplina dentro do ambiente escolar é necessário que se reflita de um modo mais abrangente, e que se busquem conceitos correlacionados, que servirão para entender esta situação de forma mais justa e deste modo, poder ver toda sua complexidade.

O décimo capítulo trata da educação especial na perspectiva de uma educação inclusiva, são muitos os desafios e muitas barreiras que ainda precisam ser derrubadas, a começar pela formação dos professores que atuam nesse nível de educação, requerendo, portanto, planejamento e melhores investimentos por parte do poder público, especialmente nos cursos de formação de professores, propondo intersetorialidade, com envolvimento dos órgãos públicos.

O décimo primeiro capítulo fala da intervenção Psicopedagógica na perspectiva do trabalho, diante das dificuldades de aprendizagem nas instituições educacionais em parceria com a família, tendo como objetivo solucionar a falta de aprendizagem dos educandos em sala de aula, tendo como necessidade da intervenção de um Psicopedagogo para estudar e buscar soluções com os educadores, para atenuar essa problemática.

O décimo segundo capítulo aborda a importância das brincadeiras na prática de letramento e alfabetização na educação infantil, o presente capítulo versa a respeito das brincadeiras como práticas de letramento nas atividades de leitura, tendo como ênfase, analisar as atividades lúdicas, dentre as que são desenvolvidas

nas salas de aulas, como um instrumento para o incentivo à leitura e ao desenvolvimento.

O décimo terceiro capítulo fala do papel do Gestor Escolar na educação infantil, dessa forma, é compreendido que existe uma grande responsabilidade não apenas por parte dos professores, mas, sobretudo, por parte do gestor escolar, que tem o papel de trilhar junto a todos os colaboradores escolares, como estes precisam trabalhar junto às crianças.

O décimo quarto capítulo relata o preconceito racial e suas repercussões nas escolas do Brasil o comportamento humano sempre foi tema de estudos ao longo da história, pois, é importante entender como ocorrem as manifestações, ditas prejudiciais às relações sociais, como é o caso do preconceito racial.

O décimo quinto capítulo fala dos projetos pedagógicos e a identidade estudantil, o presente Capítulo visa analisar o impacto positivo de se trabalhar com projetos pedagógicos nas escolas. Para tanto, será analisado o alcance imediato não somente no grupo de discente, bem como na comunidade escolar.

O décimo sexto capítulo fala da ética e equidade: uma possibilidade intersetorial, pretende-se neste capítulo, fazer uma reflexão sobre a aplicabilidade da ética no campo escolar, numa perspectiva de aprendizagem equitativa.

O décimo sétimo capítulo exalta a importância da escuta, fala, pensamento, imaginação e afetividade: as múltiplas linguagens da criança. O presente capítulo versa a respeito das múltiplas linguagens da criança, reconhecendo à mesma, como sujeito de direitos desde o nascimento, dando ênfase aos seus aspectos cognitivos, sociais e emocionais, que se dão através da escuta, fala, pensamento, imaginação e afetividade.

O décimo oitavo capítulo aborda o papel do neuropsicopedagogo frente ao fracasso escolar, quando se fala em fracasso escolar, geralmente pensamos nas estatísticas de reprovação e evasão de alunos do sistema de ensino. Porém, os resultados de avaliações oficiais mostram que o problema é muito mais profundo e que é necessário repensar a prática pedagógica em busca de soluções eficientes.

Estas temáticas descritas acima abordam em relatos, que a educação escolar se baseia na formação do indivíduo em um cidadão crítico reflexivo e que tenha consciência de seu importante papel na construção ou desconstrução da sociedade em que está inserido.

RECREAÇÃO COM JOGOS MATEMÁTICOS: O QUE PENSAM OS PROFESSORES

Elizângela Simone Cabral de Medeiros Linhares

Faciene da Silva Nóbrega

Adriana Machado Ribeiro

Fábio Júnior de Sousa Vieira

Flávio Augusto Rocha Franco

Andréia Laureano

O estudo busca apresentar a importância e os benefícios para o processo de ensino-aprendizagem da Matemática por meio da recreação com jogos didáticos, realçando a importância da aplicação de metodologias adequadas com vistas à superação das dificuldades de aprendizagem e de raciocínio lógico dos educandos em determinadas áreas de cálculos e operações. Nossos objetivos visam ampliar a discussão acerca da inserção de jogos didáticos no ensino da Matemática, além de evidenciar suas contribuições através do ponto de vista de educadores da Educação Básica. A fundamentação teórica do estudo estrutura-se com base aos conceitos de autores da área da ludicidade nas práticas de ensino da Matemática, bem como o engajamento dessas áreas. Nossa metodologia de pesquisa segue os princípios da abordagem qualitativa de natureza interpretativista, possuindo como base a revisão bibliográfica de estudos previamente realizados e cientificamente divulgados. Os resultados da pesquisa corroboram para a fomentação de novas discussões do ensino da Matemática meio às descobertas na área da educação

É unânime em muitos estabelecimentos de ensino que a disciplina de Matemática seja considerada pelos educandos, como a mais difícil. É notório também observar que tal disciplina, bem como o ensino da língua materna (Português) possua uma carga horária maior que as demais. Assim, como tornar a aprendizagem da Matemática em algo atrativo e mais significativo, tendo em vista um grande contato dela com o aluno na escola?

Com o intuito de delinear orientações epistemologicamente fundamentadas para solucionar o questionamento, o estudo lança mão de uma pesquisa qualitativa de cunho interpretativista meio às concepções de professores de Matemática

da Educação Básica, além da representatividade das contribuições de pesquisas previamente realizadas por meio de revisão bibliográfica.

A pesquisa aqui desenvolvida sob a perspectiva das contribuições dos jogos didáticos no processo de ensino-aprendizagem de Matemática, deve-se ao fato de que a referida disciplina requer o desenvolvimento de exercícios relativos às resoluções de problemas, intermediação comunicativa, raciocínio lógico, cálculos algébricos, operações dentre outros. Assim, a Matemática também se configura enquanto linguagem, linguagem essa que possui singularidades, peculiaridades e múltiplas possibilidades didáticas capazes de clarificar seus objetivos à compreensão dos educandos, sendo o professor elemento intermediador nesse processo.

Como recurso plausível e viabilizador do ensino de Matemática, os jogos didáticos fazem parte das determinações normativas previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), além de outras diretrizes educacionais que conferem aos jogos didáticos, o recurso lúdico necessário para a efetivação da aprendizagem.

Uma função igualmente importante que o ensino da Matemática tem a cumprir, diz respeito ao desenvolvimento desta enquanto Ciência, que se tornou uma parte crucial da cultura do homem contemporâneo e do futuro. Desta forma, cada indivíduo deverá ter a consciência de que, em todas as nossas atividades sociais existe a Matemática, não esquecendo que as mínimas atividades que envolvem cálculos, são aquelas que relacionam o pensamento matemático com os conceitos epistemológicos criados pelo próprio ser humano.

Indiscutivelmente, uma das funções do ensino da Matemática é a necessidade de ampliação e aplicação científica no meio escolar, partindo desta premissa, atividades que oportunizam maior aproximação do educando com as possibilidades de aprendizagem conferem o princípio da iniciação científica, pois o envolvimento e desenvolvimento do interesse do educando formam a base para a formação do futuro matemático em sociedade científica e civil.

Assim, diante da importância do ensino de jogos didáticos de Matemática apresentada pelo estudo, a pesquisa oferece uma discussão rica em argumentos que corroboram para o desenvolvimento de atividades relativas ao ensino-aprendizagem da referida disciplina na Educação Básica.

Para que fosse possível desenvolver a temática de maneira coerente com a perspectiva colaboradora dos jogos didáticos, o estudo assimila os conceitos e teorias de estudiosos da área do ensino da Matemática, como apresentados a seguir.

Práticas de ensino da Matemática por meio dos jogos: uma visão histórica

A prática de atividades de ensino, atrelada à interatividade, como estratégia para a concretização da aprendizagem, especificamente, da Matemática, remonta de milênios, por meio da experimentação da vida, isto é, os formadores ou educadores apresentavam as experiências do cotidiano da comunidade por meio de estratégias educativas, onde buscavam recriar situações reais por meio de “ensaios” e verificavam o nível de aprendizado do educando através de sua “performance”. Essa conjectura é a fundamentação dos jogos didáticos de Matemática, onde o professor apresenta determinada problemática e objetiva viabilizar sua resolução através do desenvolvimento das habilidades cognitivas dos aprendizes.

É importante salientar a necessidade de se trabalhar o aspecto histórico da evolução dos jogos didáticos, bem como, o da própria ciência da Matemática, haja vista sua notória presença no cotidiano dos indivíduos de praticamente todas as sociedades civilizadas.

Conforme expresso pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC/2017):

Além dos diferentes recursos didáticos e materiais, como malhas quadriculadas, ábacos, jogos, calculadoras, planilhas eletrônicas e softwares de geometria dinâmica, é importante incluir a história da Matemática como recurso que pode despertar interesse e representar um contexto significativo para aprender e ensinar Matemática. Entretanto, esses recursos e materiais precisam estar integrados a situações que propiciem a reflexão, contribuindo para a sistematização e a formalização dos conceitos matemáticos (BRASIL, 2017, p.298).

Desta maneira, torna-se iminente a necessidade de um ensino matemático sensibilizado com as contribuições históricas dessa ciência enquanto elemento genuíno da formação social, isto é, um estudo voltado para as expressões e manifestações da Matemática em sociedade, como, por exemplo, sistema monetário, engenharia, economia, empreendedorismo, dentre outros, onde os profissionais da educação devem lançar mão de estratégias – como os jogos didáticos – para viabilizar um maior engajamento entre teoria e prática educativa.

A diferenciação entre o jogo didático de Matemática e outros jogos aleatórios é a sua finalidade. O jogo didático não apresenta aspectos relacionados à sorte ou azar ou incógnitas em que se sobressaia o jogador que desvelá-la primeiro, pois seu enunciado é aberto e indica qual ponto o (s) jogado (es) deve (m) chegar, ou seja, em sua maioria a resposta é apresentada para que o educando demonstre como alcançá-la.

Para Teixeira e Silva (2016):

No que respeita aos jogos de tabuleiro, a história mostra-nos como podem ser objetos surpreendentes: as suas regras variadas, os seus diversos propósitos e os seus contextos constituem ricos elementos culturais. Descobrir as suas origens, o desenvolvimento das regras e dos elementos de cada jogo é um longo processo de investigação com avanços e recuos. Muitos jogos não chegaram integralmente até nós e, em muitos casos, os vestígios do passado escondem-se atrás de lendas e mitos. Outros, pelo material mínimo necessário para serem praticados, desapareceram ou não deixaram vestígios arqueológicos (TEIXEIRA, SILVA, 2016, p.240).

Desta forma, torna-se evidente a importância de apresentar aos educandos a origem dos jogos didáticos de Matemática para que ele possa desenvolver, também, a noção de espaço-tempo e com o intuito de esclarecê-los acerca da capacidade humana de criar, desenvolver e modificar o cotidiano por meio da criatividade, como exemplificado por meio do jogo praticado.

O passado é capaz de desvelar relíquias que juntamente com um trabalho interdisciplinar, entre Matemática e História, é capaz de fomentar a descoberta e a recriação de antigas práticas de entretenimento pedagógico e/ou não, conforme expresso na Figura 1 a seguir.

Figura 1 – Jogo Real de Ur (2.600 a.C.).



Jogo Real de Ur (2600 a.C.)

Fonte: museu britânico (Inglaterra, 1920).

Possuindo referência histórica, os jogos didáticos de Matemática apresentam vastas possibilidades de utilização, desde a interatividade a qual é intrínseco a to-

dos os jogos, ele está carregado de contribuições aos processos de ensino-aprendizagens na educação básica.

Assim como as descobertas anteriores e postares evidenciaram as alternativas da relação de jogos (didáticos) em espaços para além do tabuleiro, como, por exemplo, em gravações em rochas, madeira, papel, etc., ou através de objetos; búzios, gravetos, garrafas, dentre outras formas de interação com o jogo de maneira individual quanto coletiva.

O jogo didático na aula de Matemática: recreação para a aprendizagem

Atividades de Matemática desenvolvidas sob o enfoque da interatividade expressam para além de uma mera alternativa ao ensino, pois tal metodologia confere níveis de socialização e reciprocidade elevada e fundamental para a construção de valores para o exercício e prática cidadã, como, por exemplo, o educando deve desenvolver o senso de paciência, concentração, aguardar sua vez, ceder a vez (aspecto este relativo às prioridades, etc.).

Conforme expresso na nona competência da BNCC (2017):

9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza (BRASIL, 2017, p.10).

Ressalta-se, ainda, a necessidade de oferecer uma prática educativa colaboradora às práticas sociais, haja vista que onde os jogos didáticos, além de imbuídos de subsídios educativos, também possam servir de instrumento emancipador.

Quando se trata acerca de jogos, inúmeras são as interpretações, concepções e abordagens apresentadas. No entanto, jogos didáticos de Matemática possuem uma definição mais precisa quanto ao seu significado e contribuições ao meio escolar, conforme apresentado anteriormente. Para tanto, o dicionário Michaelis (2020), jogo é definido como “Estratégia ou abordagem calculada; esquema”, assim, as premissas de um jogo podem ser atreladas aos fundamentos metodológicos de aulas como as de Matemática, haja vista a expressividade de contribuições que podem ser destinadas ao processo de ensino-aprendizagem.

[...] o jogo didático é uma das estratégias de abordagens de conteúdos que devem ser privilegiadas no ensino [...], pois permitem o desenvolvimento de competências no âmbito das relações interpessoais, do trabalho em equipe através da cooperação e competição (BRASIL, 2006 apud SILVA, 2015, p.25).

Sem sombra de dúvida, uma prática educativa contemporânea contemplará os jogos didáticos de Matemática como grande recurso colaborativo ao processo de ampliação da aprendizagem, descoberta, inovação e valorização das habilidades e conhecimentos dos educandos.

A docência em Matemática não possui uma fórmula a ser seguida de maneira restrita, pelo contrário, a BNCC orienta os conteúdos básicos para que o professor possa desenvolver uma prática docente de modo particular e peculiar. Deste modo, os jogos didáticos se tornam uma das múltiplas possibilidades de ensino, bem como oferece ao educando momentos de maior interatividade e engajamento com a disciplina de Matemática.

Figura 2 – Jogo didático de Matemática (potenciação).



Fonte: PIBID matemática sinhá saboia (2016).

A abordagem dos jogos didáticos na disciplina de Matemática pode ser a chance que o educando precisa para tonificar seu interesse e/ou desenvolver habilidades cognitivas não estimuladas, o que refletirá, significativamente, no desenvolvimento do seu processo de aprendizagem.

Ensino-aprendizagem de Matemática: entre desinteresses e estímulos

O gosto pela aprendizagem da Matemática parte do ponto de vista que o educando possui acerca da disciplina, sua justificativa, objetivos, utilidade e abordagem de ensino. Muitos são os relatos de que a mesma se apresenta como “muito difícil”, porém, pouco se é divulgado acerca das possibilidades de aprendizagem, bem como o progresso daqueles interessados por ela.

Para Pacheco e Andreis (2018):

Uma criança que, antes de entrar na escola, escuta de seus familiares e amigos que a Matemática é difícil e que não gostam dela, acaba tendo seu primeiro contato com essa disciplina de forma negativa (PACHECO, ANDREIS, 2018, p.107).

Como visto a concepção do educando acerca da disciplina da Matemática é influenciada, principalmente, pelos indivíduos que a rodeiam, como familiares, amigos e colegas de escola, onde para o professor desconstruir essa barreira é um processo árduo e requer bastante atenção e paciência, pois o educando, por mais que deseje aprender, ele precisará ser estimulado o máximo possível para poder superar o que foi implantado nele desde conheceu os números.

Segundo Pieri (2011):

Desde pequena, a criança já tem noção de números, cabe a nós professoras, despertar o gosto pela matemática através do jogo. Aprender Matemática significa, fundamentalmente, utilizar-se do que distingue o ser humano, ou seja, a capacidade de pensar, refletir sobre o real vivido e o concebido, transformar este real, utilizando em sua ação, como ferramenta, o conhecimento construído em interações com as necessidades surgidas no aqui e no agora (PIERI, 2011, p. 34).

Desta forma, faz-se necessária uma intervenção quanto a concepção prévia do educando acerca da Matemática investigada pelo professor em suas práticas diárias, suas observações oferecerão uma visão panorâmica com possibilidade de análise específica, onde o professor identifique aqueles alunos que expressam maior dificuldade e/ou desinteresse pela disciplina.

Por um ensino base à responsabilidade e à reflexão

Como visto, até aqui, as utilizações de jogos didáticos na superação das dificuldades de aprendizagem de Matemática requerem do professor o máximo de atenção para que se evite o brincar meramente como um passatempo ou onde a diversão se sobreponha ao aprendizado.

Em Santos et al. (2007), temos:

A simples introdução de jogos ou atividades no ensino da Matemática não garante uma melhor aprendizagem desta disciplina. O professor deve refletir sobre o trabalho que irá desenvolver para que o aluno não aprenda mecanicamente sem saber o que faz e por que faz. Muito menos um “aprender” que se esvazia em brincadeiras. Mas um aprender significativo do qual o aluno participe raciocinando, compreendendo, reelaborando o saber

historicamente produzido e superando, assim, sua visão, fragmentada e parcial da realidade (SANTOS et al., 2007, p.34).

Como visto, a inserção de jogos para o ensino da Matemática e, consecutivamente, para a superação de dificuldades de aprendizagem deve ser um recurso planejado e bastante elaborado, pois, além de servir como alternativa ao ensino, deve garantir as mínimas condições para que o aluno possa aprender se divertindo.

A prática da dinâmica, da brincadeira, do lúdico voltada à educação possui forte contribuição ao processo de ensino-aprendizagem desde que o professor consiga engajar os desafios objetivos para que os alunos consigam apropriar-se da abordagem diferenciada com vistas à identificação de determinada incógnita e buscar desenvolver suas habilidades cognitivas para superá-las.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Kalina Ligia Almeida de Brito. Jogos no ensino de Matemática: uma análise na perspectiva da medição. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa-PB, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Orientações curriculares para o ensino médio: Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias. Brasília: MEC/SEB, 2006.
- BRASIL. Resolução CNE/CP nº 2, de 22 de dezembro de 2017. Institui e orienta a implantação da Base Nacional Comum Curricular, a ser respeitada obrigatoriamente ao longo das etapas e respectivas modalidades no âmbito da Educação Básica. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/RESOLUCAOCNE_CP222DEDEZEMBRODE2017.pdf Acesso em: 10 fev. 2020.
- CUNHA, Silvia Kelly Torres da; VALLE, Karine Nayara Faria do; LOPES, Everton Beghini Viriato. Jogos em sala de aula: ferramenta que potencializa a aprendizagem ou apenas uma proposta lúdica? Revista E-xacta Belo Horizonte ISSN 1984-3151, v. 2, n. 3, dez. 2009.
- JELINEK, Karin Ritter. Jogos nas aulas de Matemática brincadeira ou aprendizagem? o que pensam os professores? Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto-Alegre-RS, 2005.
- MENDES, Márcia Aparecida. Saberes docentes sobre jogos no processo de aprender e ensinar Matemática. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia-MG, 2005.
- MICHAELIS, Dicionário (Online). Definição de jogo. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=jogo> Acesso em: 10 fev. 2020.